

DÁ LUTA NÃO ME RETIRO: COMPROMISSO ÉTICO-POLÍTICO COM OS MOVIMENTOS SOCIAIS¹

GIVE ME THE FIGHT I DO NOT RETREAT: ETHICAL-PLITICAL COMMITMENT WITH SOCIAL MOVEMENTS

Glênia Rouse da Costa²

Resumo: O Serviço Social mantém, na contemporaneidade, aproximação com os movimentos sociais e suas bandeiras tendo como direção o apoio a classe trabalhadora e aos interesses populares. O trabalho apresentado tem como objetivo central compreender o compromisso ético-político do (a) com os movimentos sociais. Composto os objetivos específicos, têm-se: conhecer o processo de construção histórica dos movimentos sociais; ressaltar a divisão de classes e a construção coletiva da consciência de classe; destacar a atuação do (a) assistente social em relação a mobilização popular e as lutas coletivas. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, de cunho bibliográfico, pesquisa documental e com a utilização do método crítico dialético que proporciona uma análise aprofundada sobre a realidade e para além da imediatez dos fenômenos. Apontou-se em alguns autores como: Cress (2010); Cisne (2014); Gonh (2000 e 2011); Montañó e Duriguetto (2010); Marx e Engels (1847); Martinelli (2000); Mattos (2007). A partir das análises entendemos que Serviço Social tem uma relação de proximidade com os movimentos sociais tendo como horizonte a construção de uma nova ordem societária sem desigualdades sociais, domínio do capital e sem exploração/opressão de classes, gênero, etnia, raça ou geração. Comprendemos a necessidade da prestação de assessoria os movimentos sociais com o objetivo de instrumentalizar e fortalecer os distintos sujeitos coletivos em sua luta cotidiana.

Palavras-chave: Serviço Social. Compromisso ético-político. Movimentos Sociais.

Abstract: The Social Service maintains, in the contemporaneity, an approximation with the social movements and their flags having as direction the support to the working class and the popular interests. The main objective of this paper is to understand the ethical-political commitment of (a) to social movements. Composing the specific objectives, we have: to know the process of historical construction of social movements; to emphasize the division of classes and the collective construction of class consciousness; highlight the role of the social worker in relation to popular mobilization and collective struggles. It is a research of a qualitative nature, bibliographical, documentary research and the use of the critical dialectic method that provides an in-depth analysis of reality and beyond the immediacy of phenomena. He contributed in some authors as: Cress (2010); Swan (2014); Gonh (2000 and 2011); Montañó and Duriguetto (2010); Marx and Engels (1847); Martinelli (2000); Mattos (2007). In the meanderings of the analysis we understand that Social Service has a relation of proximity with social movements, having as horizon the construction of a new social order without social inequalities, domination of capital and without exploitation / oppression of classes, gender, ethnicity, race or generation. We understand the need to provide advisory services to social movements with the aim of instrumentalizing and strengthening the different collective subjects in their daily struggle.

Keywords: Social Service. Ethical-political commitment. Social movements.

²Docente na Faculdade do Vale do Jaguaribe (FVJ). Docente na Faculdade do Complexo Educacional Santo André (Facesa). Graduada em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Especialista em Gestão Pública Municipal pela UERN e com MBA em Gestão de Ensino Superior (FVJ), Pós-Graduada em Docência do Ensino Superior (FACESA). Discente do curso de Mestrado em Serviço Social e Direitos Sociais (PPGSSDS) pela UERN. Integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa em Políticas Públicas (GEPP/UERN). E-mail: gleniarouse@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

O cenário da atual sociedade é permeado pela desigualdade social e regressão dos direitos sociais que foram conquistas históricas. Vivenciamos um processo de reestruturação produtiva e de competição das economias em escala global ocasionando diversas transformações para o mundo do trabalho, através do atrofiamento dos setores produtivos e do crescimento do setor de serviços. Estamos diante de um ciclo de barbárie, rebaixamentos de salários, precarização das condições de trabalho, ou seja, retrocessos contra o proletariado.

Vivenciamos uma conjuntura adversa permeada por profundos e violentos ataques à classe trabalhadora e que afeta sua organização e fragmentação. Com isso, precisamos estar atentos às estratégias forjadas e com real propósito de desarticulação da classe trabalhadora, retrocesso em sua organização e fragilização das conquistas dos movimentos sociais.

O presente artigo tem como objetivo geral compreender o compromisso ético-político do (a) com os movimentos sociais. Composto os objetivos específicos, têm-se: conhecer o processo de construção histórica dos movimentos sociais; ressaltar a divisão de classes e a construção coletiva da consciência de classe; destacar a atuação do (a) assistente social em relação à mobilização popular e às lutas coletivas. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, de cunho bibliográfico, pesquisa documental e com a utilização do método crítico dialético que proporciona uma análise aprofundada sobre a realidade e para além da imediatez dos fenômenos. Aportou-se em alguns autores como: Cress (2010); Cisne (2014); Gonh (2000 e 2011); Montañó e Duriguetto (2010); Marx e Engels (1847); Martinelli (2000); Mattos (2007) Moro e Marques (2011).

Compreendemos que o Serviço Social mantém, na contemporaneidade, aproximação com os movimentos sociais e suas bandeiras tendo como direção o apoio à classe trabalhadora e aos interesses populares e na perspectiva da construção de uma nova ordem societária sem desigualdades sociais, domínio do capital e sem exploração/opressão de classes, gênero, etnia, raça ou geração.

2 LUTAS SOCIAIS DA CLASSE TRABALHADORA: “proletários de todos os países uni-vos”³.

As primeiras iniciativas das lutas sociais protagonizadas pela classe trabalhadora surgem na revolução Industrial no século XVIII. Conforme aponta Martinelli (2000) que entre o período de 1775 e 1875 marcado por inúmeras transformações que se convencionou em chamar de Revolução Industrial e que seria um momento crucial para da história da humanidade.

A revolução Industrial ocasiona o a expansão urbana e o desenvolvimento do capitalismo industrial além também do surgimento das formas de exploração do trabalho do proletariado. De acordo com os autores Montaño e Duriguetto (2010) os trabalhadores concentrados em um mesmo espaço produtivo foram denominados de operários pelo fato de operacionalizar as máquinas, e com a generalização do trabalho assalariado e sua superexploração, ocorrendo a concentração do lucro para os proprietários dos meios de produção. Nessa esteira os autores destacam as condições de antagônicas estão inseridos os trabalhadores:

As jornadas de trabalho atingiam até 16 horas por dia, sendo recorrente a exploração do trabalho das mulheres e crianças. As condições de trabalho e habitação não tinham o mínimo de salubridade. [...] de acordo com o momento histórico e as condições objetivas e subjetivas, criaram formas de organização e objetivos de luta. (Montaño e Duriguetto,2010, p.227-228).

Marx e Engels (1847) no Manifesto do Partido Comunista já acreditavam que a história das sociedades tem sido também a luta de classes. Neste sentido, a sociedade acabava dividindo-se em duas classes opostas: burguesia e o proletariado. Assim, com base nesses autores, a classe burguesa centraliza os meios de produção e mantém a dominação política e econômica, para o proletariado só restaria a venda da sua força de trabalho. Tanto homens, mulheres e crianças estavam expostas ao processo intenso de exploração da força de trabalho.

Com a expansão da indústria vários trabalhadores são substituídos pela implantação do maquinário e com isso geração do desemprego. Montaño e Duriguetto (2010) afirmam que diante dessa situação ocasionou diversas manifestações violentas com o propósito de destruição do maquinário, assim, identificando de forma equivocada a maquinaria como inimigo responsável pelo desemprego. Martinelli (2000, p.43) corroborando acrescenta:

³ Frase utilizada por Marx e Engels no Manifesto do Partido Comunista em 1847 a 1848.

As primeiras formas de oposição dos trabalha a esse dura realidade expressaram-se na resistência, dirigindo-se não diretamente, ao opressor, ao explorador, mas ao instrumento da exploração, ao símbolo da opressão: a máquina. [...]. Lentamente os trabalhadores começaram a perceber que os reais opressores eram os donos dos meios de produção e não as máquinas; elas eram apenas instrumentos.

Em 1824, através de votação pelo parlamento inglês, teremos a aprovação do direito à livre associação sindicais, embora o Estado passe a reprimir as lutas. (MONTAÑO E DURIGUETTO ,2010). O direito a associação é considerado um avanço significativo, sobretudo em relação ao processo de fortalecimento das lutas coletivas no combate às desigualdades sociais, principalmente no que se refere as condições de trabalho já que teria possibilidade de negociação. Sobre esse processo Montaño e Duriguetto (2010, p.228) descrevem:

É no período de proliferação dos trade-unions (associações sindicais) que passaram a fixar e a negociar os salários e as horas de trabalho, em todos os ramos industrias da Inglaterra contribuindo para minimizar a concorrência e a luta isolada dos operários. As trade- unions sempre deflagravam greves quando o capitalista rejeitava suas reivindicações econômicas e auxiliavam financeiramente, por meio das “Caixas de Resistência”, os operários em greve ou os desempregados.

Segundo Martinelli (2000) esse contexto é marcado de protestos, resistências e de recusas que ficavam cada vez mais evidentes, já que a classe trabalhadora se movia em objetivos contrários ao cenário social. Para Montaño e Duriguetto (2010) é também nesse período e após conquistas em termos de leis trabalhistas: legalização da jornada de oito horas de trabalho, fixação de níveis salarias, descanso semanal remunerado, proteção contra acidentes e legislações sobre saúde e previdência. Percebemos a partir das leituras realizadas que a classe trabalhadora, a partir de processo de mobilização coletiva e intensificação das lutas sociais, conquistou diversos direitos tendo como horizonte uma perspectiva anticapitalista e fortalecendo a construção de projeto alternativo e de uma consciência de classe coletiva, critica, revolucionária e política, ou seja, esses sujeitos passaram a ter identificação enquanto classe social.

Cisne (2014, p.14) argumenta em relação ao pertencimento de classe.

[...] não basta pertencermos a uma classe no sentido de origem e mesmo situação, temos que levar em consideração a ação e a consciência que possibilitam a identidade com uma determinada classe. Em outras palavras, ainda que, por exemplo, uma pessoa ao nascer tenha a sua origem e se desenvolva no seio da classe trabalhadora, pode desenvolver identidade política com a burguesia e ter ações voltadas para os interesses da classe burguesa. Igualmente, uma pessoa que tenha sua origem de classe burguesa e nunca tenha precisado vender sua força de trabalho para sobreviver e ter identificação com os interesses da classe trabalhadora.

Nessa direção, e corroborando com a autora, acreditamos que as identificações com as bandeiras de lutas não acontecem necessariamente com as origens dos sujeitos, mas com os posicionamentos políticos e reivindicações que vivenciam na vida cotidiana. Cabe destacar que Mattos (2007, p.35) aborda a discussão sobre classe social:

O conceito de classe social surgiu em Marx e Engels como centro de sua proposta para análise das sociedades modernas. O ponto de partida dos autores era uma constatação política de que proletariado se constituía numa nova força política, que acreditavam teria papel preponderante na luta pela emancipação.

Retornando ao processo de construção das lutas sociais Montaño e Duriguetto (2010) destacam dois importantes momentos, em 1860 com a fundação da Associação Internacional dos trabalhadores que tinha como objetivo de agrupar os partidos socialistas e teve seus documentos redigidos por Marx. Já em 1891 a revolução ocorrida na capital francesa pelos operários fica conhecida como “Comuna de Paris” com a instauração de um novo governo com a expulsão do exército e burguesia pelos trabalhadores.

Por fim, em consonância com Montaño e Duriguetto (2010) vale destacar as lutas sociais ocorridas no Brasil. No período da República Velha é que teremos a constituição do movimento operário, mas a organização da classe trabalhadora ocorre, principalmente em virtude da vinda de imigrantes europeus que tinham experiências com as lutas do operariado em seus países e vão influenciar diretamente os trabalhadores brasileiros e as concepções políticas. Percebendo esses fatos os governos oligárquicos criam leis repressivas a realização de atividades sindicais e expulsão dos trabalhadores estrangeiros. Como em outros países os trabalhadores brasileiros sofriam com o processo de exploração da força de trabalho, além extensivas horas de trabalho, sem aposentadoria, férias, descanso semanal remunerado. As primeiras formas, apontada pelos autores, como organização da classe trabalhadora no país foram as Associações de Socorro e Auxílio Mútuo e a Liga ou Uniões Operárias que mais adiante dão origem as organizações sindicais.

3 LUTAS SOCIAIS NA CENA CONTEMPORÂNEA: criminalização dos sujeitos e resistências das lutas de classe e novas formas de organização.

O cenário da atual sociedade é permeado pela desigualdade social e regressão dos direitos sociais que foram conquistas históricas. Vivenciamos um processo de

reestruturação produtiva e de competição das economias em escala global ocasionando diversas transformações para o mundo do trabalho, através do atrofiamento dos setores produtivos e do crescimento do setor de serviços. Estamos diante de um ciclo de barbárie, rebaixamentos de salários, precarização das condições de trabalho, ou seja, retrocessos contra o proletariado.

Nesse bojo de crise do capital Montaño e Duriguetto (2010) apontam que poderia ser considerado um momento de fragilização deste capital em uma análise superficial poderíamos concluir como campo fértil expansão da luta de classes, No entanto os autores destacam que a crise golpeia diretamente, a classe trabalhadora através do aumento da pauperização e miserabilidade, perda ou esvaziamento dos direitos civis e políticos, além do aumento do exercício industrial de reserva que impacta no processo de organização coletiva, sobretudo com expansão de atitudes individuais com aceitação das perdas para garantir a vaga de emprego. Mattos (2007, p 53) aponta:

A nova diversidade da classe trabalhadora (com diferenças entre trabalho formal, informal, precário, terceirizado, eventual, diferenças de gênero etc.) não pode ser compreendida senão nos marcos da luta de classes. É no interior das estratégias do capital para elevar a “produtividade” do trabalho- ou seja elevar o grau de exploração – que podemos entender o esforço para diversificar as formas de extração do sobretalho, criando novas fragmentações e novas dificuldades para organizações representativas dos trabalhadores.

Como foi visto os autores entendem que vivenciamos uma conjuntura adversa permeada profundos e violentos ataques a classe trabalhadora e que afeta sua organização e fragmentação. Com isso, precisamos estar atentos as estratégias forjadas em com real proposito de desarticulação da classe trabalhadora, retrocesso em sua organização e fragilização das conquistas.

Outro elemento necessário que destacaremos será em relação as novas configurações da luta de classes na contemporaneidade. De acordo Montaño e Duriguetto (2010) teremos em meados do século XX o surgimento dos “Novos Movimentos Sociais” que teriam como função a complementação das lutas sociais e em outras vezes seriam como alternativos aos movimentos tradicionais. É pertinente evidenciar o conceito de movimento social que Gonh (2000, p.13) aponta:

Movimentos sociais são ações coletivas de caráter sociopolítico, construídas por atores sociais pertencentes a diferentes classes e camadas sociais. Eles politizam suas demandas e criam um campo político de força social na sociedade civil. Suas ações estruturam-se a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em situações de conflitos, litígios e disputas. As ações desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade coletiva ao movimento, a partir

de interesses em comum. Esta identidade decorre da força do princípio da solidariedade e é construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo.

Segundo Montaño e Duriguetto (2010, p. 266 apud Bihl) diz que existem elementos positivos em relação ao “Novos Movimentos Sociais” já que colocam nesse cenário político temas como gênero, raça, etnia, religião, sexualidade, ecologia, e isso tem contribuído para revelar as condições da reprodução do capital. No entanto, os mesmos autores destacam os limites, sendo o primeiro deles é que as intervenções desses movimentos não colocam em questão as relações capitalistas, e que também o conteúdo de suas lutas limitaria seu alcance político e não eram realizadas em conjunto com a luta do proletariado; outro ponto seria o particularismo de suas demandas com tendência ao isolamento em grupos de problemas específicos.

Acrescentamos a esta análise o pensamento de Gonh (2011) que aborda o processo de fortalecimento das Organizações não Governamentais (ONG) que serviam de apoio aos movimentos sociais passaram frente na organização da população, no lugar dos movimentos sociais. E isso nos faz refletir: os impactos dessa questão, uma vez que, a manutenção das ações dessas ONGs ocorre através de disputa por edital que por sua vez são financiados pelo capital.

É necessário afirmar que a cena contemporânea tem proporcionado um processo de criminalização das lutas sociais como saída utilizada pela classe dominante com objetivo de ocultar as desigualdades sociais em decorrência de determinações macrosociais das ofensivas do capital. O Conselho Federal de Serviço Social (CFESS) em 2010 já abordava essa discussão entendendo que os movimentos sociais têm suas atividades cerceadas pelo Estado e Mídia como estratégia de repressão, principalmente as lutas sociais que tem maior grau de organização e com possibilidade de expansão nacionalmente.

4 SERVIÇO SOCIAL E OS MOVIMENTOS SOCIAIS

O Serviço Social mantém, na contemporaneidade, aproximação com os movimentos sociais e suas bandeiras tendo como direção o apoio a classe trabalhadora e aos interesses populares. O Código de Ética do (a) Assistente Social que hoje vigora já aborda o compromisso o apoio aos movimentos sociais e organizações populares. Além, da Lei de Regulamentação da Profissão que também aborda a necessária relação em prestar apoio e assessoria aos movimentos sociais.

Duriguetto e Marro (2016, p.97) compreendem que:

A relação da profissão com as lutas e movimentos sociais das classes subalternas perpassa o processo histórico de construção do projeto ético-político profissional, constituindo um elemento essencial na ruptura com o conservadorismo. Este projeto teve, como um dos móveis centrais para o seu desenvolvimento, a força política e organizativa de um conjunto variado de lutas, movimentos e organizações dos trabalhadores no campo da sociedade civil brasileira a partir dos finais da década de 1970.

Dessa maneira, percebemos a íntima ligação do Serviço Social com os movimentos sociais, sobretudo, no processo de ruptura de concepções filosóficas conservadoras e amadurecimento teórico – político ancorado em um posicionamento anticapitalista, de superação da sociedade capitalista tendo como horizonte a construção de uma nova ordem societária sem desigualdades sociais, domínio do capital e sem exploração/opressão de classes, gênero, etnia, raça ou geração.

Duriguetto (2014) discute a atuação dos(as) assistentes sociais na mobilização e organização popular como uma possibilidade que a profissão tem tido em contribuir com as lutas sociais, no entanto, a autora ressalta que a conjuntura pós –anos 1990 sofre uma curvatura e o que se apresentava na década de 1980 como ascendente passa a sofrer um processo de retração. A autora acrescenta que na década de 1990 teremos uma escassa produção de conhecimento sobre a relação da profissão com os movimentos sociais, lutas sociais e organizações populares.

Para Moro e Marques (2011, p.27):

É a partir desta organização dos assistentes sociais, como trabalhadores e com os trabalhadores, que se pode pensar no estabelecimento de um vínculo orgânico do Serviço Social com os movimentos sociais. Contudo, se a dimensão político-organizativa e a inserção profissional nas instâncias de luta dos trabalhadores foram as bases de rearticulação do Serviço Social com os movimentos sociais, o seu aprofundamento só se dará na medida em que a profissão ganha maioridade teórica e intelectual.

Para as autoras a incorporação da teoria social de Marx possibilitou a profissional o reconhecimento enquanto classe trabalhadora assalariada ocasionando a inserção de lutas junto a segmentos organizados da sociedade e o comprometimento com os setores populares

Por fim, Moro e Marques (2011) apontam que a conjuntura atual é permeada pela criminalização dos trabalhadores e com isso faz-se necessário potencializar propostas de fortalecimento dos movimentos sociais calcadas na perspectiva contrária à sociabilidade do capital, objetivando à viabilização prático-política do projeto profissional. Dessa maneira,

as autoras destacam a necessidade da prestação de assessoria os movimentos sociais com o objetivo de instrumentalizar e fortalecer os distintos sujeitos coletivos em sua luta cotidiana.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em última análise reafirmamos o posicionamento discorrido no texto em o Serviço Social mantém, na contemporaneidade, aproximação com os movimentos sociais e suas bandeiras tendo como direção o apoio a classe trabalhadora e aos interesses populares e na perspectiva da construção de uma nova ordem societária sem desigualdades sociais, domínio do capital e sem exploração/opressão de classes, gênero, etnia, raça ou geração. Neste sentido, o exercício profissional e suas ações devem estar pautadas no fortalecimento das lutas coletivas junto a esses sujeitos na perspectiva de busca de estratégias de resistência de superação da sociedade do capital. Reforçamos também como já exposto no texto a necessidade de prestação de assessoria e consultoria tendo como horizonte instrumentalizar os movimentos sociais no processo das lutas coletivas.

REFERÊNCIAS

- CISNE, Mirla. **Feminismo e Consciência de Classe no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2014.
- CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL. **Pelo fim da criminalização dos movimentos sociais**. CFESS manifesta. 17 de abril de 2010
- DURIGUETTO, Maria Lúcia e MONTAÑO, Carlos. **Estado, Classe e Movimento Social**. São Paulo: Cortez, 2010.
- GOHN, Maria da Glória. **500 anos de lutas sociais no Brasil: movimentos sociais, ONGs e terceiro setor**. In :Mediações N.1, 2000.
- MATTOS, Marcelo Badaró. **“Classes sociais e luta de classes”**: a atualidade de um debate conceitual. In: Em Pauta. N 20, 2007.
- MARX & ENGELS. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Expressão Popular.
- DURIGUETTO, Maria Lúcia e MONTAÑO, Carlos. **Estado, Classe e Movimento Social**. São Paulo: Cortez, 2010.
- MORO, Maristela Dal e MARQUES, Morena Gomes. **A relação do serviço social com os movimentos sociais na contemporaneidade**. In: Temporalis N.21, 2011.